



57%

O Valorfito recolheu 57% das embalagens fitofarmacêuticas colocadas no mercado

Taxa de reciclagem volta a crescer e Valorfito reforça capacidade de recolha

Taxas de recolha do Sistema Valorfito em 2022

FLUXOS	2021			2022			Variação 21-22		
	Declarado (t)	Recolhido (t)	Taxa (%)	Declarado (t)	Recolhido (t)	Taxa (%)	Declarado (t)	Recolhido (t)	Taxa (pp)
Fitofármacos	928.7	480.5	51.7%	796.8	454.5	57.0%	-14.1%	-5.7%	5.3
Sementes	140.2	30.7	21.9%	145.5	35.1	24.1%	4.4%	17.6%	2.2
Biocidas	47.2	0.9	1.8%	37.9	0.9	2.3%	-26.3%	-1.1%	0.4
TOTAL	1116.1	512.0	45.9%	980.2	490.449	50.0%	-12.5%	-4.5%	4.2

Depois de dois anos de crescimento consecutivo e de superação de metas, em 2022 a recolha de Embalagens Vazias de Produtos Fitofarmacêuticos, Sementes e Biocidas voltou a crescer. As quantidades totais recolhidas suplantaram as 490 toneladas, tendo sido registado um aumento da Taxa de Retoma para os 50,0% versus os 45,9% do ano anterior. Resultados muito expressivos aos quais se soma um dado único: em 2022 o Valorfito foi responsável pela recolha de 57% do fluxo de embalagens fitofarmacêuticas, um valor nunca registado e para o qual contribuiu o esforço do Valorfito na contratação de mais e melhores serviços de recolha e tratamento

dos resíduos. Para o futuro, o objetivo fixado pela licença da Sigeru é o de alcançar os 60% de taxa de recolha até ao final de 2023.

Entre 2021 e 2022 o Valorfito alcançou um crescimento de 4,2 pp na taxa de recolha, um crescimento consistente e revelador não só da solidez do trabalho desenvolvido pelo Sistema de Gestão de Embalagens, mas também do sentido responsável e sustentável com que o setor agrícola gere a sua atividade - visível pelo facto de a maioria dos resíduos geridos pelo Valorfito serem provenientes da agricultura profissional.

AGRICULTOR RECICLADOR

Joaquim Pedro Torres, fundador da feira Agroglobal e conhecido empresário agrícola, entrega as embalagens vazias de fitofármacos e de sementes de milho para valorização no sistema Valorfito, através da empresa Borrego Leonor & Irmão, o seu distribuidor principal.



“Impor modelos de agricultura por decreto não faz sentido”

Quantos hectares de milho produz a Valinveste atualmente?

Em 2009 a Valinveste juntou à produção de milho a organização da feira Agroglobal, que ocupou grande parte da atividade da nossa empresa até 2021, mas atualmente voltamos a estar exclusivamente dedicados à produção agrícola e à cultura do milho. A nossa expectativa é produzir 650 hectares de milho este ano, embora ainda estejamos dependentes de áreas afetadas ao perímetro de rega do Monte da Rocha, que está com muito pouca água. No passado, a Valinveste chegou a produzir 2500 hectares, entre milho e beterraba.

A produção nacional de cereais é muito pequena, e a questão do autoabastecimento está na ordem do dia, considero que há caminho para os cereais e o milho é o que tem mais capacidade de estar num mercado competitivo. Claro que para o modelo de negócio da Valinveste não é muito fácil ter terras disponíveis, porque há culturas alternativas, nomeadamente as permanentes, que estão a pagar a terra a valores elevados, mas acredito que são situações conjunturais.

“É muito positivo haver um sistema especializado na gestão dos resíduos agrícolas: o Valorfito”

Como se adaptou a Valinveste, perante os efeitos da guerra na Europa, para manter a eficiência e a rentabilidade?

Se por um lado fomos afetados pelo aumento dos custos de produção, a consequência mais direta da guerra, por outro lado esse impacto de subida também se sentiu no preço dos cereais, de uma forma que praticamente anulou a subida dos custos de produção. Continuamos a trabalhar para produzir cada vez melhor e da forma mais eficiente.

A agricultura é importante pela questão do autoabastecimento, e por todos os outros papéis que pode desempenhar na economia portuguesa, infelizmente não se

vai olhando para o setor de forma que esse potencial estratégico seja aproveitado.

A estratégia do ‘Do Prado ao Prato’, preconizada pela Comissão Europeia, deve manter-se ou ser revista perante a evidência da fragilidade do abastecimento alimentar mundial exposta pela guerra na Ucrânia?

Tenho expressado várias vezes que o passo nunca deveria ter sido dado tão à frente. Quando uma região do mundo – a UE – se coloca numa situação de exigências agravadas em relação aos principais players mundiais, nomeadamente a América do Norte e a América do Sul, criando des-

“A nossa expectativa é fazer 650 hectares de milho este ano”



vantagens comparativas ao nível das restrições, impondo determinados modelos de agricultura por decreto, isso para mim não faz sentido, porque trabalhamos em mercado aberto e, desse modo, retiraremos competitividade às empresas agrícolas europeias e portuguesas. O resultado é que importamos os alimentos de países onde essas restrições são menores e nos quais os agricultores são mais eficientes no plano produtivo. Desta forma não favorecemos as empresas europeias, não defendemos o ambiente, porque o Planeta é só um, nem obtemos alimentos com as características de segurança alimentar que desejaríamos. Por exemplo, no caso milho importado do Brasil as emissões de gases com efeito de estufa que resultam dos longos processos de transporte têm uma percentagem muito alta no valor das emissões globais do processo produtivo. Obviamente que o planeta tem de ser cuidado, mas temos de ser realistas, se queremos manter o padrão de vida atual do mundo ocidental, temos de escolher não o caminho ideal, mas o melhor caminho possível. Por um lado, sabemos das exigências que nos vão ser

colocadas para alimentar uma população que não pára de crescer e que segundo a FAO vai obrigar a que se produzam pelos menos mais 70% de alimentos para manter os padrões de consumo, sem falar nos ODSs de diminuir ou erradicar a fome, o que obrigaria a um esforço muito maior. Por outro lado, em Portugal, o défice da balança agroalimentar é de 3,5 mil milhões de euros e sabemos a instabilidade que a subida dos preços dos alimentos está a criar, imaginemos o que é que a falta de alimentos poderá provocar!

Na proteção das culturas, quais são os desafios que enfrenta para garantir uma produção de qualidade e rentável?

Enfrento mais dificuldades para fazer o mesmo do que outros produtores de fora da União Europeia. Há culturas que têm já bastante dificuldade em resolver os seus problemas fitossanitários com as substâncias ativas disponíveis, os agricultores acabam por fazer mais tratamentos com as substâncias ativas autorizadas, mas que não são as mais eficazes.

“Há caminho para os cereais e o milho é o que tem mais capacidade de estar num mercado competitivo”



Como usa a inovação para produzir mais com menos recursos?

A evolução na agricultura é constante e é feita de pequenos passos, todas as empresas que trabalham à volta do setor produzem ano após ano uma nova semente, uma nova matéria ativa, um novo equipamento que permite preparar a terra de forma melhor ou mais económica. Esse conjunto de pormenores que esta sociedade do conhecimento vai colocando à nossa disposição permite-nos produzir um pouco melhor a cada ano. É uma evolução, não é uma revolução. Cada detalhe acrescenta uma pequena percentagem e é assim que a eficiência se aumenta. Na cultura do milho, na relação entre a energia investida e a energia extraída a eficiência praticamente duplicou nos últimos 25 anos, em resultado de todos esses inputs que as empresas de fatores de produção têm proporcionado.

Quais são os resíduos agrícolas que a Valinveste entrega para valorização? Há alguns resíduos para quais não encontra uma solução no mercado?

O distribuidor onde fazemos a maior parte das compras dos fatores de produção - a empresa Borrego Leonor & Irmão - recolhe os nossos resíduos, nomeadamente, as embalagens vazias de herbicidas e de inseticidas e as embalagens de sementes. Quanto às embalagens de adubos, entregamo-las em Muge num operador autorizado, e creio que são encaminhadas para aterro.

O Valorfito submeteu um pedido para integrar a recolha de embalagens vazias de adubos na sua licença. Considera isso útil?

Acho que sim. Tudo o que se possa fazer para minimizar os impactos ambientais dessas embalagens é ótimo. Não sei exatamente quais são os caminhos a jusante destas entregas, mas é muito positivo haver um sistema especializado na gestão dos resíduos agrícolas: o Valorfito.

Como avalia o funcionamento do sistema Valorfito? O que pode ser melhorado?

Não tenho dificuldades a reportar, oiço por vezes dizer que os sacos Valorfito se rasgam, mas talvez tenha sido descuido da nossa parte.

Numa escala de 1 a 10 como se autoavalia como agricultor reciclador?

Tento cumprir as regras de boas práticas ambientais e faço-o com entusiasmo. Cuido das propriedades onde trabalho em todos os aspetos, é uma relação tão íntima com a terra e a natureza como a relação com a minha casa ou o meu carro, que gosto de manter limpos e arranjados. A minha autoavaliação de agricultor reciclador é de 7 valores.

“Tento cumprir as regras de boas práticas ambientais e faço-o com entusiasmo”

AUTOAVALIAÇÃO AGRICULTOR RECICLADOR



DISTRIBUIDOR RECICLADOR



“Faço um balanço muito positivo do trabalho do Valorfito”

A A. Cano Associados, S. A., empresa de venda de fatores de produção localizada em Beja e Ponto de Retoma Valorfito desde a primeira hora, faz “um balanço muito positivo do trabalho do Valorfito”. Gaspar Pinto, o gerente comercial da empresa, vê com bons olhos a integração de novos fluxos de resíduos agrícolas no Sistema.



Conte-nos um pouco da história da A. Cano Associados, S. A. e da sua evolução a par com a revolução na agricultura do Alentejo.

A empresa A. Cano Associados, S. A. foi fundada em 1991 por dois acionistas portugueses. Os cereais de Outono/Inverno eram o negócio principal, não só na comercialização de fatores de produção para essas culturas como também na pró-

pria venda desses cereais para empresas de rações, fábricas de panificação e bolachas. Depois, face àquilo que se antecipava que seria o futuro da agricultura com a construção de Alqueva, os acionistas fizeram uma alteração estatutária e a empresa passou a ser uma sociedade anónima. Foi assim que entraram alguns acionistas espanhóis e é nesse período que se dá a grande mudança estratégica. Embora já se

13 460 Kg

de embalagens vazias entregues no Sistema Valorfito em 2022

2006

ano de adesão como Ponto de Retoma Valorfito

falasse no olival, pensava-se que a cultura principal seria o milho e que ocuparia 40 a 50% da área irrigada de Alqueva. Hoje sabemos que não foi isso que aconteceu. Atualmente, o principal negócio da A. Cano Associados, S. A. é a venda de fatores de produção para o olival, principalmente, os fitofármacos e os fertilizantes. Um dos nossos pontos fortes é o corpo técnico que garante assistência aos agricultores nossos clientes. Apostamos também em parcerias fortes com as empresas produtoras de fatores de produção. Fruto dessa estratégia, somos representantes exclusivos da Syngenta num raio de 50 km à volta de Beja.

Quantos funcionários tem a A. Cano Associados, S. A.? E em quantos hectares prestam assistência técnica?

No total, somos 10 colaboradores: 4 na área técnica e comercial, onde me incluo, 4 na logística e 2 em BackOffice. Trabalhamos com grande intensidade e proximidade em cerca de 3 000 a 4 000 hectares de olival, que assistimos tecnicamente. A maior empresa agrícola que conosco trabalha, numa base de quase ex-



Embalagens vazias de fitofármacos acondicionadas em sacos Valorfito em local apropriado na A. Cano

“Temos uma relação muito boa com as pessoas do Valorfito, fazem um trabalho muito meritório”

clusividade, tem 900 hectares de olival em copa e em sebe. Também assistimos diversos agricultores com áreas mais pequenas, mas igualmente importantes e decisivas para o sucesso que temos conseguido.

Em fevereiro, a A. Cano Associados, S. A. passou por uma alteração na estrutura acionista, com a entrada do Grupo de Prado que adquiriu uma posição muito importante do capital da empresa.

O que vai mudar com a entrada do grupo De Prado na A. Cano Associados, S. A.?

O Grupo De Prado significa uma oportunidade muito importante para A. Cano Associados, S.A. Seguramente será um grande desafio. É um motivo de orgulho, já que sabemos que existiam mais empresas na região, interessadas em alienar património para este grupo e nós fomos os escolhidos. O Grupo De Prado opera uma grande área na Península Ibérica, com grande destaque em Portugal, pelo que é uma excelente oportunidade para um crescimento sustentado. Em princípio, pretende-se manter independência na gestão, procurando as maiores sinergias, benéficas para todos. Teremos, seguramente de fazer algumas alterações ao nível da logística e não só, mas é, sem dúvida, um momento muito positivo.

Em que ano aderiu a A. Cano como Ponto de Retoma ao Valorfito e que balanço faz do desempenho do Sistema?

Penso que a A. Cano Associados, S. A. terá aderido logo no início da atividade do Valorfito, em 2005 ou 2006. Quando cheguei à empresa, em 2010, a retoma das embalagens de fitofármacos já funcionava, mas as instalações ainda não estavam devidamente preparadas para esta operação. A partir de 2010 a capacidade de armazenamento e de logística adquire outro nível. Creio também que a A. Cano Associados, S. A. é uma das poucas empresas que continua a recolher embalagens nas explorações dos agricultores, nas de maior dimensão e que têm uma forte ligação à nossa em-

presa. Faço um balanço muito positivo do trabalho do Valorfito, tenho visto melhorias até do ponto de vista logístico. Temos uma relação muito boa com as pessoas do Valorfito e é um trabalho muito meritório, porque trabalham firme e convictamente para a boa gestão e valorização dos resíduos agrícolas.

A integração do fluxo de embalagens de sementes no Sistema Valorfito foi importante para a sua região?

É importante com certeza, mas a quantidade de embalagens de sementes que se recolhe todos os anos ainda é curta. Não entendo bem porquê, uma vez que os agricultores sabem que quem recolhe as embalagens de fitofármacos tem obrigação de receber também as embalagens de sementes. Todo o trabalho que o Valorfito pode fazer tem-no feito, o que é certo é que ainda não chegou bem ao agricultor na nossa zona.

Que estratégias devem ser implementadas pelo Valorfito e os seus Pontos de Retoma para melhorar as taxas de retoma dos diversos fluxos de resíduos agrícolas?

Penso que o Alentejo, pelo menos na zona de influência de Alqueva, terá uma das maiores taxas de recolha de embalagens de fitofármacos, uma vez que a agricultura de regadio consome mais este tipo de produtos do que a agricultura de sequeiro e também porque é muito mais escrutinada. Aqui não vejo o que se pode fazer de diferente. No caso das embalagens de sementes, pode-se investir em dois ou três anúncios publicitários, embora tenham um custo elevado, a alertar para as consequências do incumprimento da entrega destas embalagens.

O Valorfito apresentou candidatura à APA para gerir novos fluxos de resíduos (embalagens vazias de fertilizantes, de rações, de batata de semente e embalagens secundárias de produtos fitofarmacêuticos). É um passo importante?

Acho que é um passo importante, porque organizar resíduos que podem ter um impacto

negativo no ambiente, juntá-los e tratá-los no devido sítio e com a metodologia adequada é positivo, tem todo o mérito. Na nossa empresa, e especificamente no caso das embalagens secundárias vamos entregá-las regularmente a uma empresa aqui da região que faz a gestão desse tipo de resíduos. É preciso ver que nós vendemos embalagens desde 20 litros até 640 litros. E no caso dos fertilizantes eu não vou exagerar se disser que 95% das embalagens são de 500, 600 ou 750 kgs, os chamados big bags.

“Quem legisla em Bruxelas parece ter alguma dificuldade em entender as dificuldades no controlo fitossanitário, no campo”



A Comissão Europeia apresentou uma proposta de revisão da Diretiva do Uso Sustentável dos Pesticidas. Que implicações poderá ter para os agricultores do Alentejo nos moldes em que foi apresentada?

Acho que essa proposta, pensando no *modus operandi* corrente em Portugal, é difícil para quem tem de assegurar a produção de alimentos com qualidade e em quantidade. Quem legisla em Bruxelas - que 50% das substâncias ativas dos produtos fitossanitários têm de sair do mercado e ser substituídas por soluções alternativas até 2030 - está a dificultar muito o trabalho no campo. Depois também é necessário ter noção do impacto que a implementação de tal objetivo vai ter na produtividade de uma série de culturas, como o tomate de

indústria, o olival ou o milho. Embora todos estejamos de acordo com a necessidade de reduzir a poluição e o impacto ambiental que a atividade agrícola pode trazer, se não for devidamente conduzida, é necessário não esquecer que falamos de uma atividade muito escrutinada e, por conseguinte, muito mais segura do que alguns referem. Outro aspeto desse regulamento, que pode trazer constrangimentos, prende-se com o a intenção de se implementar o sistema de aconselhamento independente. Quem como eu trabalha com produtos fitofarmacêuticos desde 1985, sempre procurando a prescrição mais equilibrada e com respeito pelas normas legais, e agora, ao abrigo desse regulamento, pode não ser considerado com habilitação para a prescrição, tem muita dificuldade em entender as futuras regras.



Por amor à terra, entregue
as embalagens vazias
de produtos fitofarmacêuticos,
biocidas e de sementes num
Ponto de Retoma Valorfito®.

Faça como a Família Prudêncio®.
Deixe que o amor desça à sua terra
e cuide da Terra de todos nós.



Informe-se em www.valorfito.com
ou num Ponto de Retoma Valorfito.

R. General Ferreira Martins, nº 10 - 6º A . 1495-137 Algés
T. +351 214 107 209 // contacto.valorfito@sig. eru.pt

valorfito @tual

www.valorfito.com

SIGERU . Sistema Integrado de Gestão de Embalagens
e Resíduos em Agricultura, Lda.

Nº 36 • março 2023 • www.valorfito.com